‘A única opção é transformar a crise em oportunidade’

Para especialista, caos grego requer, além de duras medidas econômicas, uma transformação profunda da cultura

ENTREVISTA

Stavros Katsios

• TEL AVIV. “A política é a arte do possível”. O advogado e professor de relações econômicas internacionais Stavros Katsios, da Ionion University, na Ilha de Corfu, no Noroeste da Grécia, cita o estadista alemão Otto Von Bismarck para soar otimista quanto ao futuro da Grécia. Para ele, ainda é possível que os gregos, mesmo no fundo do poço, deem a volta por cima, deixando para trás práticas econômicas e políticas arcaicas e ganhando a confiança dos países da zona do euro, que, diz, estão mais interessados em salvar a pele do bloco que em realmente ajudar a Grécia. Para Katsios, a economia já mostra alguns sinais de melhora.

Divulgação

KATSIOS: “SERÁ um procedimento doloroso, porque requer uma mudança de culturas e éticas arcaicas”

Daniela Kresch
economia@ogobo.com.br
Especial para O GLOBO

• **O GLOBO:** *A aprovação das novas medidas de austeridade será suficiente para acalmar os ânimos dos parceiros europeus da Grécia e garantir a aprovação da ajuda de € 130 bilhões?*

STAVROS KATSIOS: A solução dessa crise não virá apenas de mais pacotes ou programas do Banco Central Europeu. Será resultado da criação de condições para que os países da zona do euro passem a confiar na Grécia. O fato de o Parlamento grego ter de escolher entre um segundo pacote ou um calote desordenado apenas exemplifica a falência política, institucional e moral do país. Mas muitas das medidas, se implementadas, podem de fato contribuir para a modernização da economia grega.

• *As medidas serão aplicadas ou são só para alemão ver?*

KATSIOS: A aplicação tem sido, por décadas, o grande problema da Grécia. Sem implementação, não há estado de direito e muito menos reformas. Mas, para que isso aconteça, é preciso consenso. O desejo de reformas existe junto ao público, mas ainda não é latente ao nível político. Os gregos precisam urgentemente reformar a administração pública do país. Será um procedimento doloroso, porque requer uma mudança de culturas e éticas arcaicas, justamente quando o setor estatal está perdendo seus funcionários mais experientes.

• *Como o senhor vê o tratamento dado pela União Europeia (UE) à Grécia?*

KATSIOS: A UE respondeu devagar e de maneira inadequada à crise, sobretudo os maiores Estados. O bloco estava mais preocupado em proteger seu sistema bancário contra o calote grego do que em realmente ajudar o país. Na maior parte dos últimos dois anos, a zona do euro, liderada pela Alemanha, fez de tudo para prevenir um colapso catastrófico do bloco, enquanto procurava evitar se responsabilizar pelas incertezas de economias “corruptas”, “não confiáveis” e “não reformuladas” de países como Grécia, Portugal, Itália e Espanha. É óbvio que, para os países europeus ricos, faz sentido preservar o euro sem ter que lidar com países cujos sistemas políticos não são confiáveis. A Grécia é encarada como um país que oferece muito risco e graves perigos.

• *Como isso tudo tem afetado os gregos?*

KATSIOS: Como estamos num “marco zero” em termos psicológicos, a opção enfrentada pela Grécia é entre a queda livre até o fundo do poço ou uma corrida até o topo. Na verdade, essa recessão pode ter vindo na hora certa para deslanchar mudanças estruturais substanciais. Agora, estamos sendo forçados a tratar da doença e não dos sintomas. Há uma enorme demanda por mudanças de um povo frustrado pela injustiça e a incompetência.

• *Como o senhor avalia a liderança do primeiro-ministro Lucas Papademos?*

KATSIOS: As pesquisas de opinião são favoráveis ao governo Papademos, o que aponta para a crença, entre alguns gregos, de que uma administração tecnocrata pode ser preferível a uma classe política incompetente. Isso não significa que todos concordam com as medidas de austeridade, mas sim que têm o desejo de corrigir a situação. Acho que Papademos vai prestar um grande serviço a seu país se conseguir colocar em andamento uma dinâmica que restaure a competitividade da economia grega através da reforma de instituições e processos políticos. Tecnocratas podem se transformar em políticos; o contrário é impossível.

• *O senhor acredita que haverá uma melhora a curto prazo para o país?*

KATSIOS: No momento, parece que não conseguimos juntar forças para levar adiante as reformas mais profundas, que são vistas como necessárias por uma grande porção do eleitorado e de nossos credores. Mas a Grécia já conseguiu melhorar seu balanço orçamentário primário em cerca de 8% do PIB desde 2009. Fora isso, os gastos públicos estão em 44% em relação ao PIB (Produto Interno Bruto). Não são tão elevados, levando-se em consideração que a média na zona do euro é de 48%. A crise grega é um problema apolítico, a única opção é transformar a crise em oportunidade.

• *É possível, então, manter o otimismo, apesar da depressão social e econômica?*

KATSIOS: Sim. Estou confiante de que nosso país vai superar essa crise, vai dar a volta por cima, apesar de tudo e de todos. Como disse Otto Von Bismarck, “a política é a arte do possível”. Tendo vivido de pegar dinheiro emprestado, é possível que a Grécia encontre a força necessária para construir um futuro sustentável e próspero.■

Quem garante que a Grécia será um caso isolado?

Para analistas, reestruturação de dívida não poderá ser copiada por Portugal e Itália, entre outros países em crise

Deborah Berlinck
deborah.berlinck@oglobo.com.br
Correspondente

• PARIS. A Grécia deverá apresentar esta semana aos credores privados sua proposta final para redução da dívida. Vai ser a maior reestruturação de dívida da História do continente, com perdas de quase 70% para investidores. Líderes europeus insistem que a Grécia será um “caso único” : nenhum outro país deve esperar obter perdão de dívida. Mas, no mercado e entre economistas, todo mundo já pergunta quem vai ser a próxima bola da vez. Portugal?

O fato é que a dívida em relação ao Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços produzidos no país) de Portugal, Espanha, Itália e outros endividados da zona do euro — com todo aperto de cinto — está aumentando. Não porque a dívida, em si, esteja crescendo, mas por outro motivo: a economia desses países está encolhendo.

A dívida de Portugal — eleito modelo da União Europeia (UE) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), por seguir à risca todas as exigências sem que portugueses revoltados saiam às ruas queimando prédios, como na Grécia — vai subir de 107% do PIB para 118% em 2013. A da Espanha, em 2013, vai dobrar, segundo as projeções do próprio bloco: de 36% antes da crise para 84%. E na Itália vai passar de 105% em 2009 para 126% no próximo ano.

Entra aí o choque de doutrinas que está dividindo o continente: uns apostam que o aperto tem de ser intenso a curto prazo para colher os frutos no futuro, enquanto outros dizem que, por força de uma austeridade tão violenta, esses países correm o risco de afundar ainda mais. Três analistas ouvidos pelo GLOBO não descartam os riscos de nova reviravolta na zona do euro. Mas entre eles próprios fica clara a divisão.

O economista alemão Guntram Wolff, vice-diretor do Instituto Bruegel, em Bruxelas, acha que a austeridade em Portugal é “inevitável”. A saída para Portugal voltar a crescer, segundo ele, terá de vir de um setor que precisa ser totalmente reestruturado: a exportação.

— Portugal precisa exportar mais para evitar o colapso da economia — diz.

Imaginar uma reestruturação da dívida também de Portugal, segundo Wolff, seria enviar uma mensagem “terrível”. Os líderes europeus se comprometeram com o fato de que a Grécia é exceção, e é melhor que mantenham isso:

— É preciso ter uma linha clara. Para Portugal, tem de ser: não haverá reestruturação. Se todos começarem a reestruturar, será uma mensagem terrível — afirma o economista. — Os europeus deram uma mensagem clara: a Grécia é excepcional. Se agora disserem “bom, na realidade, Portugal também é excepcional”, o mercado vai dizer: “ok, ok…e a Itália também vai ser excepcional”. Aí estaremos numa grande confusão.

Mas o economista italiano Francesco Saraceno, do Observatório Francês de Conjunturas Econômicas (OFCE), lança duas perguntas. A primeira: Portugal vai exportar para quem, se os outros também encolhem? Wolff também reconhece que falta demanda na Europa. Segunda: que poder têm os líderes europeus, que erraram ao dizer que a Grécia não ia quebrar, para decidir agora que outros não terão de reestruturar suas dívidas?

— A questão é: estamos atualmente no caminho que garante que países (endividados) vão eliminar o risco de calote? Se não estivermos, a Grécia não será caso isolado — afirma Saraceno.■

Crescimento econômico é a questão central

• PARIS. A Europa está se concentrando na questão errada: dívida em vez de crescimento econômico, sustenta o economista italiano Francesco Saraceno. O continente precisa evitar a dupla recessão e crescer, nem que isso signifique aumentar a dívida a curto prazo. E errou ao exigir que a Grécia faça em dois anos as reformas e o aperto que o país deveria fazer em dez para permitir o crescimento.

— A dívida não é problema. Podemos viver com dívida alta, desde que seja sustentável. O problema está no fato de que a dívida é acompanhada de baixo crescimento — explica.

O economista e historiador português Pedro Lains, da Universidade de Lisboa, diz que o país está acompanhando com apreensão a Grécia, já que tudo o que aconteceu lá tem se repetido em Portugal. Apesar de diferenças, a economia de Portugal está mais próxima da Grécia do que da Irlanda, que tem mais estrutura para se reerguer, segundo Lains. Ele não descarta que Portugal tenha que reestruturar a dívida.

Lains, como Saraceno, também acha que o caminho da austeridade no continente é errado e pode matar o crescimento. Ele mesmo perdeu 30% de seu salário. Lains torce para que a elite política no continente mude. E soa o alarme com a possibilidade de uma crise na economia de um país que, segundo ele, é muito grande para ser salvo: a Itália. *(Deborah Berlinck)* ■

Copa e Jogos, marcas na mira de piratas

Governo prepara força-tarefa para apreender produtos com símbolos de eventos esportivos antes de chegarem ao varejo

Vivian Oswald
vivian.oswald@bsb.oglobo.com.br

• BRASÍLIA. Diante da proximidade dos grandes eventos esportivos mundiais, o Brasil, que já estava na rota dos fabricantes de produtos piratas por conta do bom momento econômico e do aumento das importações, deve ser um dos alvos preferenciais das quadrilhas internacionais. Os objetos de cobiça são os produtos com as marcas dos eventos — que começarão a ser lançados após os jogos de Londres — e as grandes grifes que patrocinam as competições e os atletas.

Antes mesmo do desembarque destes itens em fronteiras brasileiras, a Receita Federal fechou 2011 com o maior volume de mercadorias piratas já apreendidas no país: cerca de R$ 900 milhões, ou aproximadamente 60% de tudo o que foi interceptado pelo Fisco no ano passado.

Para ajudar a monitorar as cargas que chegam ao país e controlar o aumento deste fluxo nos próximos anos, as autoridades preparam uma força-tarefa que envolve vários órgãos do governo. E devem lançar, ainda no primeiro semestre deste ano, um grande banco de dados com informações sobre todas as marcas e seus fabricantes que poderá ser consultado, em tempo real, pelas polícias, pelo Ministério Público e pela Receita.

Entidade internacional prevê avalanche de produtos

O Diretório Nacional dos Titulares de Marcas (DNTM) estará disponível no Infoseg (sistema já usado amplamente pela Justiça). A ideia é agilizar as apreensões e, com base nestes dados, investigar os casos e apreender os produtos antes mesmo de chegarem ao varejo.

— Nosso modelo é único no mundo, pois será gerenciado pelo governo, contando apenas com a inserção gratuita de informações pelo setor privado. Ele cria o contato direto do representante da marca com as autoridades policiais, o que também é importante para a agilização das operações e pós-operações repressivas — disse a secretária executiva do Conselho Nacional de Combate à Pirataria (CNCP) do Ministério da Justiça, Ana Lucia Medina.

É o mais importante, segundo a gerente de licenciamento do Comitê Olímpico Internacional (COI), Sylmara Muntini, especialista nesta área, que já trabalhou na Disney, na Mattel e na Warner:

— A informação nesta área é fundamental para que se chegue aos produtos antes mesmo de serem distribuídos no país.

No rol de medidas há ainda a abertura de delegacias especializadas em pirataria nas cidades-sede dos eventos esportivos com estrutura separada de outras delegacias, que serão mantidas após as competições. A Receita Federal também vai inaugurar, nas próximas semanas, um Centro Nacional de Gerenciamento de Risco, encarregado das operações de inteligência da aduana, baseado no Rio e com técnicos especializados no combate à pirataria.

Divulgação

MARCA DA Copa de 2014: COI tem departamento para cuidar de pirataria

Em entrevista ao GLOBO, Christophe Zimmerman, coordenador do Departamento de Combate à Pirataria e Contração da Organização Mundial de Aduanas (OMA), baseada em Bruxelas, previu que chegará ao país uma verdadeira avalanche de produtos piratas, antes mesmo da Copa do Mundo. Representantes da Fifa estiveram reunidos com o Ministério da Justiça, e a OMA se diz preparada para ações conjuntas que podem ter a participação do Brasil.

Falsificações chegam depois dos Jogos de Londres

A expectativa do COI, que criou um departamento para cuidar de pirataria, é a de que as falsificações devem começar a chegar depois dos Jogos de Londres. E os primeiros produtos devem ser os selos, moedas e pins que fazem alusão à entrega da bandeira olímpica. Mas o movimento de maior intensidade deve acontecer no segundo semestre de 2013.

O subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita, Ernani Argolo Checcucci Filho, informou que o sistema de inteligência da aduana já conhece as principais rotas de contrabando e vem atuando não apenas sobre os produtos falsificados, como também sobre as empresas que estão por trás desses produtos. É assim, segundo ele, que o Fisco tem conseguido apreender cada vez mais produtos.

Em 2011, os cigarros e óculos foram os principais itens interceptados: R$ 113,5 milhões e R$ 111,07 milhões, respectivamente.

Mas a lista de produtos confiscados é imensa e diversificada. Um dado preocupante é que, entre os medicamentos pirateados, o maior volume é de Viagra, anabolizantes e abortivos.

A presidente da Total Filmes, Walkiria Barbosa, disse ao GLOBO que só a indústria audiovisual perde US$ 4 bilhões por ano para a pirataria. Sua empresa, responsável pelos filmes “Se eu fosse você” e “Assalto ao Banco Central”, perdeu R$ 5 milhões. As apreensões de CDs e DVDs cresceram 42% em 2011 no Brasil, segundo dados da Receita. ■

Cresce o clube do bilhão na internet

Magazine Luiza e Netshoes são os próximos da fila para entrar no seleto grupo de bilionários do e-commerce no Brasil

Lino Rodrigues
lino.rodrigues@sp.oglobo.com.br
Paulo Justus
paulo.justus@sp.oglobo.com.br

• SÃO PAULO. O seleto grupo dos sites de comércio eletrônico que ultrapassaram a barreira de R$ 1 bilhão em vendas vem ganhando mais integrantes. Antes dominado pelos gigantes B2W (Americanas.com, Submarino e Shoptime) e Nova Pontocom (Casas Bahia, Ponto Frio e Extra on-line), o clube do bilhão começa a ganhar novos sócios como o site Comprafacil.com, que faturou R$ 1,7 bilhão em 2011, e se prepara para a chegada de outros participantes. A novata Netshoes, especializada em artigos e materiais esportivos, e o Magazine Luiza são os próximos na fila.

— Nossa meta é chegar ao R$ 1 bilhão de forma organizada e mantendo a mesma excelência de serviço — explica Graciela Tanaka, diretora de operações da Netshoes.

No Magazine Luiza, as vendas pela internet cresceram 48,2% entre janeiro e setembro do ano passado, totalizando R$ 570,1 milhões. A projeção da Fator Corretora é que o e-commerce da rede tenha encerrado 2011 com receita líquida de R$ 765,2 milhões e chegue este ano a R$ 1,04 bilhão.

Já a Netshoes, com 11 anos no mercado eletrônico, tem surpreendido pela velocidade com que vem ganhando espaço, apesar de ser a única empresa de nicho entre as grandes. A performance de dobrar de tamanho a cada ano é vista como o exemplo a ser seguido.

Fundada em 2000 como uma loja de sapatos em um estacionamento no Centro de São Paulo, a empresa chegou a ter uma rede na cidade. Sete anos anos depois, por decisão do seu principal sócio, o empresário Márcio Kumruian, fechou as lojas e se mudou para a internet.

No fim de 2009, com faturamento de R$ 155 milhões, vendeu 30% de seu capital ao fundo americano Tiger Global, um negócio avaliado pelo mercado em R$ 100 milhões. O dinheiro melhorou o caixa e serviu para investir em marketing e na diversificação de produtos. Em janeiro de 2011, o Tiger comprou mais 17%, aumentando sua participação para 47%.

Leandro Siqueira, diretor de marketing do Comprafacil.com, diz que chegada de mais sites de comércio eletrônico ao clube do bilhão reflete o crescimento de 30% ao ano das vendas virtuais e a massificação da internet entre consumidores da classe C.

Leonardo Soares

GRACIELA TANAKA, do Netshoes: meta é crescer, mas manter a excelência

O GLOBO

MAIS ECONOMIA HOJE NA INTERNET:

oglobo.com.br/economia

INFOGRÁFICO: Confira os números da dívida soberana do governo da Grécia

BOA CHANCE: Saiba o que estudar para a prova da Defensoria Pública do Rio de Janeiro

MORAR BEM: Rede social para compartilhar a sua decoração predileta

Acompanhe a cobertura da Economia no Twitter: twitter.com/OGlobo_Economia

A partir de 60 reais*, seu anúncio sai no Globo, Extra e no portal ZAP para mais de 4 milhões de leitores.**
CLASSIFICADOS DO RIO
2534-4333
www.classificadosdorio.com.br
O GLOBO EXTRA zap
*Anúncios de até 15 palavras para compra e venda de imóveis de até R$ 200 mil em dia útil e formato claro.
** Fonte: Ipsos Marplan, Abr/10 a Mar/11 (leitores O Globo e Extra) - Mercado Gde. Rio.